

JANELAS

Tiago Vieira Cavalcante
Bacharel em Turismo
Especialista em Ecoturismo
Licenciado em Geografia
Mestrando em Geografia – UFC
tiagogeografia@yahoo.com.br

Singelas, magrelas, com grades, sem grades ou mesmo com telas... Tenho pensado com certa frequência em janelas. Tenho pensado, em verdade, exatamente nas realidades que tais grandes orifícios de/no concreto tendem a nos oferecer.

(Ir)realidades paisagísticas; porque as janelas são sempre imparciais ante as parcialidades daquilo que mostram, daquilo que a partir delas podemos ver. Significantes muitas vezes sem significados. Transeuntes pobres, ricos, bem vestidos, esfarrapados. Seres humanos “indignificados” perante os olhos de quem realmente não vê. Depende de quem olha. Quanto a isso Saramago, em epígrafe retirada do *Livro dos Conselhos* de El-Rei D. Duarte, é claro ao dizer: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. E é no reparar das coisas da vida, inclusive as sem vida, que nos tocamos o quanto deixamos passar as coisas que devem ser vividas, as coisas pelos quais vale a pena viver.

Nas bordas das singelas janelas, por exemplo, são inúmeras as pós-modernas donzelas que não mais veem seus amados pela rua perpassar. Não veem seus amados, não porque estes passam agora de carro ou de ônibus, não raro no embalo. Mas sim, porque simplesmente não os reparam e, se reparam, num estalo, compreendem o quanto alto encontram-se neste pré(sí)dio, “protegidas” das malícias mundanas no penúltimo andar.

Nas bordas das magrelas janelas dos carros com ar-condicionado ou dos grandes ônibus lotados, simulacros são criados, como diria singelo, o pensador Baudrillard. O dentro e o fora não veem a hora de se tocar; de se encontrar. Mas o vidro, do mais tênue ao blindado, não permite ao menino pobre e danado uma esmola pedir. Nem mesmo ao ladrão, muitas vezes drogado e armado, roubar e fugir.

Janelas, dessa maneira, não são passagens, são muros. Muros que a sociedade hodierna cada vez mais constrói ante as mazelas e miasmas dos espaços vivos de infelicidade. Muros que existem porque ninguém vive a necessidade de pô-los ao chão, assim como fizeram(mos) com o de Berlim e não fizeram(mos) com tantos outros. São meros espaços de ventilação. Isso

quando uma tenra brisa permite-se atravessar estes concretos apontados para o céu, nas grandes cidades.

Não temos que abrir as janelas para aquilo de ruim que a sociedade constrói! De maneira alguma. Temos somente, mas não simplesmente, que construir passagens as quais possamos chamar de *possibilidades de inversão do olhar*. Um olhar de fora para dentro, como se estivéssemos realmente olhando, com um olhar crítico, os observadores de dentro. Para ensiná-los a realidade daqueles que estão do lado de fora. Fora da sociedade: os excluídos. Fora do mercado de trabalho: os desempregados. Fora da justiça e do justo molde social: os desajustados. Fora da vida cotidiana e sem esperanças: os desesperados.

Quando disse em princípio que tenho pensado com certa frequência em janelas. Tenho pensado nelas de fora para dentro. Nos que estão do lado de fora e não podem entrar. Nos indivíduos os mais indistintos a se digladiar do lado de fora em sua (sobre)vida.

Embora saiba que pensar sobre isso seja muito fácil – mais do que atuar sobre isso – vale, pelo menos de início, refletirmos sobre os espaços distintos separados por janelas. Por aqueles que nos ventilam os bens: o apartamento, a casa, o carro, o ônibus... E por janelas da vida; certamente, mais difíceis do que as portas para fazer passar. Afinal são somente janelas: não foram feitas para nos dar passagem. Quando abertas, foram feitas para dar passagem ao olhar...